



POR AMOR DE SIÃO

ISRAEL, IGREJA E A FIDELIDADE DE DEUS

♦ SEGUNDA EDIÇÃO REVISADA E AMPLIADA ♦

FRANKLIN
FERREIRA


VIDA NOVA

D-us, o D-us de Israel, deu a terra de Israel aos filhos de Israel, descendência étnica nacional que ele salvará em Cristo Jesus. Ao resgatar essa verdade bíblica como parte integrante do cristianismo de tradição reformada, o pastor Franklin Ferreira traz glória a D-us, consolo a Israel, edificação à Igreja e muito encorajamento aos judeus messiânicos. Escrito por um dos maiores teólogos brasileiros na atualidade, *Por amor de Sião* é leitura obrigatória como obra de referência para nossa geração e para as próximas, um livro de cuidadosa pesquisa histórica e profunda reflexão teológica, uma autêntica declaração de amor cristão ao povo judeu. Como judeu crente em Jesus, sou grato a D-us pela existência deste livro, e ao pastor Franklin Ferreira por tê-lo escrito.

Gustavo Luis Carsch, rabino messiânico da sinagoga Shear Yaakov, em São Paulo, SP.

Franklin Ferreira é, sem a menor sombra de dúvidas, um dos maiores teólogos do Brasil. De forma brilhante, com clareza e profundidade, sem, contudo, ser prolixo, Franklin brinda a igreja brasileira com uma maravilhosa obra. O livro que o leitor tem em mãos ajudará pastores, líderes, seminaristas, bem como a igreja brasileira a entender o plano e a ação de Deus para com Israel à luz das Escrituras. Recomendo com muita alegria.

Renato Vargens, pastor da Igreja Cristã da Aliança de Niterói, RJ.

Dr. Franklin Ferreira promove um saudável diálogo entre a teologia bíblica e a teologia histórica, e oferece uma enorme contribuição para a compreensão de um tema importante e, lamentavelmente, negligenciado em tempos recentes: o lugar de Israel nas promessas de Deus. Essa é uma obra necessária e provocante, que contribui de modo indelével para restabelecer o ensino da tradição mais antiga da igreja e da fé reformada sobre a aliança de Deus para com Israel.

Tiago J. Santos Filho, diretor e professor no Seminário Martin Bucer, diretor do Ministério Fiel e pastor na Igreja Batista da Graça em São José dos Campos, SP.

Em *Israel e a Revelação*, de Eric Voegelin, temos o relato da ordem histórica e simbólica do antigo Israel, passando pela teopolítica da confederação das Doze Tribos à teocracia do Reinado Unificado de Israel e

seu período de cativo babilônico. Entretanto, qual a grande obra, em língua portuguesa, que preenche a lacuna sobre o papel de Israel na ordem política e na história das ideias a partir da perspectiva do Novo Testamento? Isto é, se Voegelin lança luzes para o Israel histórico do Antigo Testamento, quem o faz a partir da perspectiva neotestamentária, sem apagar o aporte do passado?

Franklin Ferreira o faz com maestria em *Por amor de Sião*. Apesar das diversas contribuições de Ferreira à teologia reformada, *Por amor de Sião* deverá ocupar a condição de sua *magna opus*, entrando no panteão das grandes obras que são lidas e relidas, em diversos idiomas, por diversas gerações. A lacuna deixada por Voegelin é suprida por Ferreira. Se no antigo Israel a obra que entra para história é a de um católico, para o novo Israel será de um protestante histórico. A história dirá.

Thiago Vieira, advogado, escritor, professor de Direito Religioso, Direito Constitucional e História da Igreja Cristã. Presidente do Instituto Brasileiro de Direito e Religião, coautor de *Direito Religioso* (Vida Nova).

A resiliência do povo judeu tem intrigado historiadores e teólogos ao longo dos séculos. Como pode uma etnia — forjada no calor de batalhas épicas, sujeita a conquistadores externos, esfacelada e dispersa entre as nações, perseguida por soberanos e autoridades eclesiásticas, escorraçada e desprezada por teólogos — manter por milênios uma identidade como povo e como uma nação que é, em si, exemplo de democracia, eficiência e resistência à tirania e ódio dos vizinhos e de tantos outros ao redor do mundo?

Nesse livro, o reverendo, professor e escritor Franklin Ferreira aborda essa questão, demonstrando ser possível uma compreensão equilibrada, construída sobre os alicerces da fé cristã. Ele não advoga a exaltação desmedida dos judeus, gerada pelo dispensacionalismo; nem o descarte das enormes evidências de que passado, presente e futuro dessa etnia estão abrigados debaixo do propósito e governo do Deus soberano — descarte encontrado em vários autores reformados.

Construindo sua sólida pesquisa e conclusões em cima de uma abordagem histórico-teológica, ele nos traz uma visão lúcida e tão

necessária aos nossos dias, caracterizados por opiniões inconsequentes firmadas em meras repetições.

F. Solano Portela, coordenador de cursos da área educacional do Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper e professor de Teologia Sistemática do Seminário Presbiteriano JMC, em São Paulo.

Essa obra espetacular do Rev. Prof. Franklin Ferreira, um dos maiores nomes reformados brasileiros de todos os tempos, é um verdadeiro presente para a nossa e as futuras gerações. Com uma argumentação bíblica, arguta e com muita referência, situa o debate a respeito de Israel — este verdadeiro testemunho vivo e mistério de Deus na história, na atualidade e no futuro escatológico. Recomendo vivamente ao leitor que faça desta leitura muito mais do que informação: faça teologia!

Jean Marques Regina, escritor e pesquisador em Direito Constitucional e Religioso, especialista em Teologia e Bíblia.
2.º Vice-Presidente do Instituto Brasileiro de Direito e Religião (IBDR), coautor de *Direito Religioso* (Vida Nova).

A pergunta feita pelo apóstolo Paulo em sua carta aos Romanos (11.1) não é meramente retórica. O próprio apóstolo responde nos capítulos seguintes e sua resposta deve deixar estupefato qualquer gentio que, como eu, sabe que é parte da “oliveira brava” enxertada na raiz do Israel de Deus. Deve também, entretanto, tocar com profunda alegria e consolo a todos que fazem parte da viçosa árvore, pois garante que o plano maravilhoso de Deus continua envolvendo os ramos quebrados por um tempo — mas que serão enxertados novamente no tempo divino e brotarão viçosos (11.17,24).

Em sua obra *Por amor de Sião*, o professor Franklin Ferreira faz um apanhado histórico formidável sobre a esperança e o conforto que muitos na tradição reformada encontraram ao discernir que o propósito de Deus — que “pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida” (Ef 3.10) — continua a incluir, lado a lado os eleitos gentios e o povo eleito do Antigo Testamento. Este, no tempo apon-tado, retornará para o Israel santo mediante a circuncisão do coração e trará glória ao Cordeiro e à sua noiva, desempenhando o papel de líder das nações da terra sob o rei Jesus.

Que a leitura desse livro acenda em seu coração essa maravilhosa esperança e ajude a apressar o retorno de muitos eleitos dentre a etnia daqueles que são “nossos irmãos mais velhos” na aliança!

Dr. Davi Charles Gomes, diretor internacional/CEO da The World Reformed Fellowship (Fraternidade Reformada Mundial) e pastor da Igreja Presbiteriana Paulistana, em São Paulo.

Por amor de Sião é um daqueles livros que você pode até discordar, mas jamais ignorar. A pesquisa do Dr. Franklin Ferreira é rica e incontornável, sobretudo para aqueles que não ignoram temas tão importantes como o antissemitismo, o sionismo, a eleição de Israel e o reino de Deus.

Jonas Madureira, professor de teologia no Seminário Martin Bucer e de filosofia na Universidade Presbiteriana Mackenzie, pastor da Igreja Batista da Palavra em São Paulo, autor de *Inteligência humilhada*, *Tomás de Aquino* e *Filosofia* (CVNTB) (Vida Nova).

Nesse livro muito bem escrito e fundamentado, Franklin Ferreira desenvolve um bom argumento mostrando que, em geral, a tradição reformada não só acreditava em um retorno real dos judeus a Israel em cumprimento das profecias do Antigo Testamento, mas também que eles se converteriam ao cristianismo em grande número antes de Cristo voltar sobre as nuvens. Curiosamente, Ferreira também afirma que o sionismo cristão não se origina entre os irmãos de Plymouth, mas na tradição reformada.

De forma bastante relevante, ele aborda várias questões teológicas sob a perspectiva reformada, como a aliança, a eleição e a unidade entre os dois Testamentos. Tudo isso junto nos mostra como ler a Bíblia levando em consideração o papel fundamental que o povo judeu desempenhou na história da salvação. Grandioso!

Dr. Joel R. Beeke, presidente do Puritan Reformed Theological Seminary, Grand Rapids, Michigan, EUA, autor de *A segurança da salvação*, *De volta para os braços do pai* e *Amigos e amantes* (Vida Nova).

SUMÁRIO



<i>Agradecimentos</i>	15
<i>Apresentação</i>	17
<i>Prefácio à segunda edição</i>	19
<i>Prefácio à primeira edição</i>	21
 Introdução	 33
1. A LONGA SOMBRA DO ANTISSEMITISMO	
NA CRISTANDADE	61
Os apóstolos	61
O marcionismo	63
Os pais da igreja	66
Os reformadores	76
Uma contínua ameaça	84
2. A TRADIÇÃO REFORMADA	89
Os puritanos na Inglaterra e na Escócia	94
<i>A Nadere Reformatie</i> na Holanda.....	103
Os puritanos na Nova Inglaterra	110
O testemunho continuado na Inglaterra e na Escócia	115
Estados Unidos	141

A Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos e o Estado de Israel	142
Um testemunho continuado	154
3. A TRADIÇÃO LUTERANA	173
4. A TRADIÇÃO CATÓLICA ROMANA.....	193
5. TEMAS TEOLÓGICOS.....	205
A eleição soberana e graciosa	215
As alianças da graça.....	237
A Lei e o <i>Shabat</i>	279
O <i>eretz</i> Israel.....	309
Palestina ou Israel?	352
O Holocausto	357
6. O DEVER DA MEMÓRIA.....	379
Conclusão: um apelo e uma oração.....	421
<i>Apêndice</i>	425
<i>Bibliografia</i>	441
<i>Índice onomástico</i>	463
<i>Índice de passagens bíblicas e de outros escritos antigos</i>	471

AGRADECIMENTOS



Quero agradecer a alguns amigos que gentilmente leram o manuscrito desta obra, oferecendo preciosas sugestões: F. Solano Portela, Frans Leonard Schalkwijk, Gustavo Luis Carsch, Jefferson do Carmo Oliveira Júnior, Tiago José dos Santos Filho e Willy Robert Henriques; Hélder Cardin, além da leitura, me supriu com dezenas de ensaios acadêmicos preciosos que não teria acesso sem sua ajuda inestimável — tentei incluir todas as sugestões enviadas, mas devo dizer que sou o único responsável por eventuais imprecisões nesta obra; a Iain H. Murray, a quem tive o privilégio de ouvir em 2000 na Conferência da Fiel para Pastores e Líderes — foi seu importante livro *The puritan hope* que abriu o caminho para minha pesquisa; a Angelo e Carol Bazzo, por me presentear com livros da Impacto Publicações que foram extremamente úteis nesta obra — eles também permitiram o uso de tabelas e gráficos presentes nesses livros; a Luiz Alberto Teixeira Sayão, que me levou a Israel pela primeira vez em 2013, quando conheci Yehuda Hochmann, que foi nosso guia naquela ocasião — sem essa primeira viagem à Terra Santa, penso que esta obra nunca seria publicada; a Israel Sayão e Rachel Sayão, os dois irmãos que dirigem a Byblos Viagens; ao presidente da Sar-El Tours, Samuel Smadja, e à gerente de operações, Virginia Syvan, por um apoio precioso recebido em uma de minhas estadias

em Israel; a Moshe Garcia que, com sua esposa, Yehudit, me recebeu em sua casa — tornando-se muito mais do que um guia.

Agradeço especialmente a Joel Beeke, Adriaan Neele e ao Board of Trustees do Puritan Reformed Theological Seminary, em Grand Rapids, Michigan, nos Estados Unidos, pela graciosa concessão do título de Doutor em Divindade *honoris causa*. Esta honraria foi conferida a mim enquanto concluía esta obra.

Agradeço a Emanuele Silva Costa, bibliotecária do Seminário Martin Bucer, em São José dos Campos — e também aos professores e alunos do Seminário Martin Bucer, com os quais compartilhei várias das ideias desenvolvidas nesta obra; agradeço especialmente a Kenneth Lee Davis, diretor-executivo de Edições Vida Nova, assim como a Jonas Madureira, por sempre manterem as portas abertas da editora para meus projetos; ao editor Abner Arrais, pelo seu ótimo trabalho de revisão e edição, assim como a Virginia Neumann, que transcreveu uma mensagem sobre o Quarto Mandamento, que preguei na Igreja da Trindade, e que foi incluída nessa obra, além de ter padronizado o livro; e a Cristina Ignácio Fernandes, pela preparação do texto; ao Sergio Siqueira Moura, que apoiou vigorosamente a publicação desta obra desde o começo.

Sou especialmente grato ao Deus de Israel, o Todo-poderoso, o Senhor, o Eterno, o Deus Fiel, por minha esposa, Marilene, e por minha filha, Beatriz, pela constância do amor, apoio e conforto em todo o tempo.

APRESENTAÇÃO



Lembro-me de uma conversa com o Franklin em um dos congressos de teologia de Edições Vida Nova. Se me recordo bem, foi em 2016. Ao término de minha exposição sobre interpretações conflitantes das Escrituras Sagradas, conversei com ele sobre eventuais projetos literários dentro daquele e outros temas que me encantam, sobre os quais o Franklin falou: “Hélder, nosso interesse deve ser sempre o de publicar o que edifica a igreja”. Como esta fala me alegrou e, confesso, aperfeiçoou ainda mais minha perspectiva sobre publicação acadêmica! “Aquilo que edifica o corpo de Cristo”.

E é exatamente esse tipo de livro que você tem em mãos, querido leitor. Um texto que não apenas fala de Israel como povo étnico, senão também como povo de Deus, que tem absolutamente tudo a ver com a igreja de Jesus. Refletir sobre Israel, tanto em termos bíblico-teológicos quanto históricos é, sem dúvidas, entender a relação actual de Deus com seu povo — povo único.

Enquanto Franklin escrevia este livro, trocamos várias mensagens e sugestões literárias, e era empolgante receber e enviar novas sugestões de materiais, tópicos e citações. O entusiasmo do Franklin era contagiante e eu me alegrava com a ideia de saber que eu seria um dos primeiríssimos leitores do livro, ainda sem formatação estética, mas já com todo o conteúdo. E como foi gratificante e desafiador ter lido aquele manuscrito. Uma obra que relembra a tradição reformada do santo e bom trato para

com o povo de Israel. Às vezes eu até me esquecia que devia lê-lo mais criticamente, pois acabava me deixando levar por detalhes históricos de fontes impressionantes que Franklin traz no livro. Creio que todos nós reconhecemos suas habilidades de pesquisa em história e teologia, e, neste livro, isso fica uma vez mais evidente.

Então, além da contribuição histórica sem paralelo em nosso Brasil, o livro traz discussões e contribuições teológicas muito pertinentes e profundas, com boa fundamentação bíblica, em uma perspectiva que nem sempre vi em livros sobre Israel e a Igreja em língua portuguesa. Creio que o livro preenche uma lacuna significativa em nossa literatura histórico-teológica sobre Israel e a Igreja. Para mim, o capítulo 5, “Temas teológicos”, é o coração da obra. Que capítulo! Já o capítulo final, “O dever da memória”, e a conclusão, “Um apelo e uma oração”, são belíssimos e desafiadores, pois nos exortam a nunca nos esquecer do trato específico que Deus tem com Israel e nos ensinam como nós, igreja de Jesus, somos participantes e dependentes de Israel.

Meu e-mail final ao Franklin, retornando o manuscrito com observações e sugestões, dizia o seguinte: “Que Deus seja glorificado por meio desse livro bem como a igreja edificada e exortada a tratar Israel com amor e preocupação”. Além disso, mencionei a ele que esperava pela publicação definitiva do livro pois recomendaria sua leitura como obrigatória em um dos módulos que leciono no programa de mestrado no Seminário Bíblico Palavra da Vida.

Por isso, amigos, aproveitem muito bem e sejam edificados por esta leitura, assim como vocês devem ter sido edificados e desafios por vários outros livros do Franklin.

Em Cristo e por Cristo, o Redentor de Israel,

HÉLDER CARDIN

Chanceler das escolas teológicas da Palavra da Vida Brasil

Um amigo de Israel

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO



Ao apresentar esta nova edição de *Por amor de Sião*, preciso expressar minha gratidão ao Deus de Israel, o Criador e Redentor, pela oportunidade de revisitar um tema que, longe de perder relevância, tornou-se ainda mais urgente. Quando a primeira edição dessa obra foi publicada, meu propósito era recuperar a importância de Israel e do povo judeu na história da salvação, à luz das Escrituras e da tradição reformada. Hoje, diante do crescimento do antissemitismo e do antissionismo, que frequentemente assumem a mesma face hostil contra os descendentes de Abraão, sinto ainda maior necessidade de reafirmar essas convicções. A igreja do Messias Jesus não pode se calar quando velhas formas de ódio ressurgem em novos trajes.

Uma das principais novidades desta edição é o acréscimo de material histórico sobre a relação dos batistas ingleses e americanos com Israel. A esse respeito, foi de grande ajuda a pesquisa de Ivan Mesa em sua tese de doutorado, *“All Israel Shall be Saved”: The Jews’ Conversion and Restoration in English Particular Baptist Thought, 1649–1815*, na qual ele demonstra como, desde o século 17, pregadores como John Bunyan sustentaram a esperança de que os judeus seriam conduzidos à sua terra e ao Messias. Essa herança teológica

atravessou o Atlântico e floresceu entre os batistas da Nova Inglaterra, que viam na conversão futura de Israel parte inseparável do cumprimento das promessas de Deus — uma convicção que, em larga medida, continua a marcar a teologia da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, uma das maiores denominações protestantes do mundo.

Além de acrescentar esse testemunho histórico, revisei todo o texto para que ele tenha maior clareza e precisão. Num tempo em que tensões religiosas, culturais e políticas se intensificam, e em que discursos públicos, ideologias políticas e até instituições acadêmicas disseminam desprezo contra Israel e os judeus, a igreja é chamada a testemunhar com firmeza a fidelidade de Deus ao seu povo eleito, e a permanecer ao lado daqueles que, ao longo da história, têm sido perseguidos com ódio mortal. Amar o povo judeu, combater o antissemitismo e orar pela paz de Jerusalém são expressões concretas dessa fidelidade. Que esta nova edição fortaleça os cristãos a erguer sua voz com clareza e coragem nesse cenário decisivo.

Este livro é, acima de tudo, um chamado pastoral para que a igreja reconheça sua identidade enxertada na única oliveira, reavive sua esperança na promessa de que “todo o Israel será salvo” e seja fortalecida pela certeza de que o Senhor uno e trino permanece fiel à sua aliança e sua graça triunfará. Que, ao final, esta leitura desperte a igreja não apenas ao amor e à intercessão, mas também à esperança do dia em que judeus e gentios, unidos pela fé no mesmo Messias, entoarão juntos cânticos de louvor pela grande salvação de Deus.

Ó Israel, coloca a esperança no SENHOR! Pois no SENHOR há amor fiel, e nele há plena redenção (Salmos 130.7).

Washington D.C., em setembro
do Ano de Nosso Senhor de 2025.

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO



Israel ocupava, ocupa e ocupará um lugar estratégico na história da salvação. *Ocupava*, porque Deus disse ao patriarca Abraão: “E todas as famílias da terra serão abençoadas por meio de ti” (Gn 12.3). *Ocupa*, porque o nosso Senhor e Salvador é “Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1.1). E *ocupará*, porque o Messias disse que não voltará “até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor” (Mt 23.39). E Deus é fiel.

A história de Israel é como um fio vermelho que perpassa a história da salvação e, por isso, a história da igreja e a história geral. Estamos vivendo um período especial nessas três histórias, que são como círculos concêntricos, cujo centro é Deus e sua Palavra salvífica aos filhos de Adão e Eva (Gn 3.15). E estamos vivendo em um período histórico especial, porque Israel, esse povo arcaico com raízes mais antigas do que Hamurabi, ainda existe e, além disto, agora está voltando para casa, depois de uma diáspora “recente” de quase dois milênios.

Que livro fascinante é este, com muitas informações desconhecidas sobre uma discussão fraterna a respeito do relacionamento entre o povo do primeiro pacto com o da nova aliança. Talvez este livro nos ajude também a ouvir as notícias sobre Israel com mais interesse, e prestar atenção ao possível cumprimento das profecias. Pois a melhor

interpretação das profecias ainda é seu cumprimento, como os discípulos do Senhor Jesus também descobriram (Jo 2.22). E não precisa ser dispensacionalista para aguardar o cumprimento do “até” profético sobre a volta do Rei (Mt 23.39; 28.29). Sem dúvida podemos ter diferenças de interpretação, mas concordamos sobre três pontos básicos com Franklin: em primeiro lugar, a Igreja não é o substituto de Israel, mas foi enxertada no tronco; em segundo, Israel está voltando para sua terra prometida; em terceiro, aguardamos grandes bênçãos depois dessa volta. No momento, o mais visível desses três pontos é a volta em curso há mais de um século; esse é um fato da história geral. Mas será que essa volta dos judeus teria alguma importância para a história da igreja e, quem sabe, até funciona no círculo da história da salvação? Pois assim, não seria um “sinal do tempo”?

Um sinal do tempo? Mas alguém poderia dizer, meio zombando, “nem ouvi a trombeta tocar”. Honestamente, nem eu. Mas acredito que algum *shofar* tocou para os judeus; se não, nem estariam vindo. E não faz diferença que tenha sido um jornalista, Theodor Herzl, a tocar a trombeta. No passado Deus usou até Ciro, o rei do antigo Irã!

Pensando na volta atual dos judeus para a Terra Prometida, entendendo que a trombeta tocou para Israel e que o resultado deve ser notado pelos povos não judeus. E mais ainda pela igreja de crentes “gentios”: atenção, irmãos, pois é uma alerta para nós que o tempo está se esgotando, inclusive o tempo da graça para os gentios. E talvez devêssemos ajudar os judeus a “fazer a *aliyah*”, subir para Jerusalém (Is 49.22). E, se essa volta não nos pode convencer, quem sabe ajuda lembrar que até Isaías tinha profetizado o aparecimento súbito do estado quando perguntou se uma terra, um país, um estado pode nascer “num só dia” (Is 66.8). Era uma pergunta profética, e uma profecia não é a mesma coisa que um relato histórico do que foi falado pelo profeta. Tem outra dimensão. David Ben-Gurion, o próprio fundador do Estado de Israel, no dia 14 de maio de 1948,

o considerou também como um milagre, acrescentando: “Quem não acredita em milagres não é realista”.

Mas, se for assim, por que, então, não notamos antes? É que, como criaturas, estamos vivendo em tempo e lugar. De longe é difícil de ver as coisas. Mas, mais de perto, é possível perceber tudo com mais nitidez. No decorrer dos anos, a nossa salvação está cada vez um pouco mais perto (Rm 13.11) e, por isso, quem sabe, podemos ver e reconhecer um pouco mais do que no passado. Quem insiste que não mudou nada está olhando uma fotografia que captou fielmente a situação de uns tempos atrás. Mas olhe pela janela do avião “tempo” com sua Bíblia aberta. Não somente a história geral progrediu, mas também a história da salvação. Até há gente que diz que, hoje em dia, o tempo está voando. Se for assim, nós voamos com ele.

Com razão alguém poderia perguntar: “Mas será que esse dito ‘sionismo cristão’ é realmente *ortodoxo*? Será que está conforme as nossas confissões de fé?”. O fato é que nem João Calvino, nem nossas confissões e catecismos, como a Confissão Belga e o Catecismo de Heidelberg, nem a Confissão Escocesa, nem a Confissão e Catecismos de Westminster tratam sobre detalhes de como vai ser a vinda do Senhor. E isto é sábio, porque não convém amarrar as consciências em pontos incertos. O certo é que cremos “na ressurreição do corpo e na vida eterna”. Não quer dizer que os autores desses documentos confessionais tenham perdido Israel de vista. Quantos rabinos ajudaram durante a tradução fiel da única norma de fé e vida, a Bíblia! E, na Escócia, havia rabinos ensinando hebraico nos seminários presbiterianos!

A Reforma tinha ocorrido no século 16, e a sã doutrina sobre a soteriologia foi ensinada fielmente. Décadas depois, em alguns casos, isto terminou por conduzir a uma certa frieza doutrinária, uma concordância intelectualista com a fé. Mas, no século seguinte, o puritanismo na Inglaterra (William Perkins) enfatizava de novo o que

os reformadores tinham pregado também, a saber, que uma fé bíblica deve levar a uma vida santificada. *Ortodoxia* andando de mãos dadas com *ortopraxia*. Nesse mesmo tempo havia muito contato entre a Inglaterra e a Holanda, inclusive pela ameaça da Espanha, como no caso da Invencível Armada, em 1588. Assim, por volta de 1600, esta onda purificadora chegou também aos Países Baixos, influenciando em seguida a Alemanha, por volta de 1650 onde essa onda seria chamado de pietismo. Na Holanda se usava geralmente a expressão “segunda reforma” (*nadere reformatie*). Em toda essa onda de avivamentos havia interesse por Israel, aguardando a sua volta à terra prometida e sua conversão a Jesus Cristo, como ensinou Wilhelmus à Brakel.

O motivo principal da Reforma era corrigir os desvios na igreja romana. *Reformar* a forma *deformada*. Os reformadores não queriam uma outra igreja, mas a mesma igreja diferente. Por isso, uma vez expulsa da *romana*, a igreja protestante era de fato uma *Igreja Católica Apostólica Reformada*, como João Ferreira de Almeida insistia, seguindo o puritano inglês Perkins. Porém, por si mesma, a igreja não tem garantia de permanecer uma igreja fiel à Palavra de Deus. Vimos isto claramente durante a época do racionalismo e até no dia de hoje.

Cada geração deve aprender a vigiar, mas sempre na paz do Senhor (2Ts 3.16), para não ver fantasmas em todo canto, tornando-nos agitados e ásperos caçadores de heresias. Porque muitas vezes esses desvios são quase imperceptíveis no início, e nem sempre causados conscientemente, às vezes até por ingenuidade. Além disto, podem ser simplesmente como pequenas oscilações ao redor do eixo firme, segurado no seu trajeto terrestre pelo polo norte celestial da nossa existência: Deus mesmo e sua Palavra. Mas, por ingênua que seja a oscilação, toda atenção é pouca, pois o Diabo não dorme e as sentinelas têm serviço 24 horas por dia, até a chegada ao porto celestial.

Contudo, não estão de plantão sozinhos, pois há muitos voluntários (Sl 110.3) que querem servir fielmente ao Senhor dos senhores. E, muito mais importante, Deus mesmo guardará a sua casa (Sl 127.1; Mt 16.18; Hb 3.6). Por isso, as sentinelas precisam aprender a aceitar a correção mútua (Pv 12.1) e dormir em paz, sabendo que estão sendo guardados pelo próprio Deus fiel (Sl 4.8; Fp 4.7), inclusive nos seus estudos sobre o Dia do Senhor, a escatologia.

Mas será que esse falar sobre Israel é sério mesmo? Ou, somente, uma *futurologia* de fanáticos com especulações perigosas? Uma futurologia séria usa dados de pesquisas (às vezes científicas), por exemplo, para poder projetar o crescimento do mercado. Mas aqui não partimos de levantamentos e pesquisas, mas das promessas certas do Deus Fiel (Jr 33.25s). E Ele aguarda o nosso “amém” de crente, até havendo perguntas (2Co 1.20). E perguntas são permitidas (Mt 24.3).

Às vezes, profecias bíblicas são como uma flor que vai se abrindo muito devagar. Inicialmente, poucos imaginavam que aquele botão podia conter algo tão bonito. Já levou muito tempo essa conversa fraterna sobre promessas para Israel. Sempre houve os que insistiam ainda existir algo para os descendentes de Jacó, mas a maioria dos intérpretes sinceros não podia ver isto, espiritualizando quase todo o Antigo Testamento.

Durante a Segunda Guerra Mundial havia até teólogos que não discordavam da *Endlösung*, a “solução final” para o “problema judeu”, entendendo que era por causa da sua autocondenação que o sangue de Jesus deveria ser vingado sobre eles e aos seus filhos. Mas, hoje em dia, depois daquela hecatombe satânica no próprio país da Reforma, entre 1933 e 1945, e depois do nascimento do Estado de Israel, em 1948, e especialmente depois da reconquista de Jerusalém, em 1967, os olhos se abriram mais, e viram pelo cumprimento que havia ainda promessas para o povo da antiga aliança (Ez 37). Mas, às vezes, não queremos ver. E há um dito que “*a man convinced*

against his will is of the same opinion still".¹ Reconhecemos que junho de 1967 foi um passo enorme, mas ainda não completo, pois o chão mais santo em Jerusalém não está sob o controle de Israel. E, exatamente ali, no lado de fora daquela mesquita com teto de ouro, lê-se — embora honrando Jesus com palavras — que Deus não tem um filho! Este é o campo mais disputado do mundo. Lembramos de que o Senhor disse pelo profeta pós-exílico Zacarias: "Naquele dia farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos; todos os que tentarem erguê-la serão gravemente feridos. Todas as nações da terra se ajuntarão contra ela" (Zc 12.3). Quem trará a paz antefinal para Jerusalém? Os recentes "Acordos de Abraão"?² Algum político? Ou o anticristo?

Sem dúvida, porém, no trânsito da vida há perigos em todo canto, também na corrente do "sionismo cristão". De fato, existe a chance de exageros e desentendimentos. Por isso, quem sabe, seria melhor nem falar sobre a volta dos judeus ou publicar algo a respeito? Entendo o perigo e o apoio completamente o cuidado para evitá-lo. Mas, por outro lado, querendo ou não, somos atalaias — e atalaias não podem se calar. Sem dúvida, certos trechos proféticos requerem uma interpretação espiritual, mas nem todos.

Até o grande teólogo reformado Herman Bavinck lutava com esse problema hermenêutico, solucionando-o por meio da espiritualização. Assim, nem os pronunciamentos de aspecto temporal, os "até" do Senhor Jesus (cf. Mt 23.39; 28.29), podiam convencê-lo da possibilidade de um futuro concreto, aqui na terra, dando assim,

¹"Um homem persuadido contra sua vontade permanece com a mesma opinião." (N. do E.)

²Os "Acordos de Abraão", assinados em 15 de setembro de 2020, entre Israel (judaísmo), Estados Unidos (cristianismo) e Emirados Árabes Unidos (islã), negociados principalmente por Jared Kushner, neto de judeu polonês sobrevivente do holocausto, que se tornou conselheiro e emissário do presidente Donald Trump, dos Estados Unidos.

sem querer, ao “*amilenismo*” quase um *status confessionis*. O que sem dúvida acontece também no lado quiliasta, especialmente com a própria Bíblia de Scofield revisada. Podemos estar convencidos de nossa opinião, mas temos de ficar abertos para surpresas, como Calvino o fez. E não por um relativismo dogmático (confessado e/ou praticado), mas porque quem está na direção é o Senhor da História. E é exatamente isto que tem *status confessionis*.

Finalmente uma palavra sobre os *palestinos*. Karl Barth, expulso da Alemanha pelos nazistas, disse que “o homem que tem vergonha de Israel tem vergonha de Jesus Cristo”. Mas quando a perseguição (inicialmente branda) se levanta, será que ainda temos coragem de falar? A opinião pública sobre Israel está mudando rapidamente e já exerce pressão.

Há cerca de setenta anos, a maioria das pessoas apoiava os judeus, talvez pela consciência coletiva pesada diante da passividade durante o Holocausto.³ Porém, desde o início do novo milênio a situação mudou muito, mormente em consequência da guerra de 1967, quando os vizinhos árabes muçulmanos estavam decididos em apagar Israel do mapa. Por milagre, desta vez Israel escapou ainda, até empurrando o inimigo bem mais forte para além do Jordão. Isso, sem querer, transformou a IDF (*Israel Defence Force*, Forças de Defesa de Israel, o nome oficial das forças armadas do país) em um exército de ocupação da metade da sua própria Terra Prometida.

Como resolver esse problema? Desocupar essa metade de seu país para que Israel volte a ser uma faixa litorânea com somente 15 km de largura no ponto mais estreito? Ou seja, retirar-se atrás da fronteira *antebellum*, como exigido? E, assim, abrir espaço para a organização de um estado palestino que, em pouco tempo, se transformaria em uma segunda faixa de Gaza?

³Eliezer Wiesel, sobrevivente do Holocausto, afirmou: “O cristão sincero sabe que o que morreu em Auschwitz não foi o povo judeu, mas o cristianismo”.

Em 2005, Israel desocupou essa “Filisteia” livremente, mas logo ela se tornou uma faca apontando para o coração judeu sob direção do Irã, com o Hezbollah, no sul de Líbano, como uma bomba iraniana por cima da cabeça israelense. O muro em Belém, com seus *check points* vagarosos, não foi construído para deixar de fora os trabalhadores e visitantes, mas os terroristas. Sem dúvida, a maioria da população palestina quer paz, mas seus líderes não.⁴ Ao contrário, incentivam os ataques contra Israel, pagando uma boa pensão para as famílias (a maioria pobre) cujo parente foi “martirizado” em uma tentativa de matar judeus. Mártir, morto ou preso. E boa parte da contribuição internacional para os antigos refugiados é empregada para projetos semelhantes. Assim, o Departamento de Educação publica livros que ensinam ódio contra seus vizinhos israelenses, de sorte que o governo da Autoridade Palestina dispõe de um exército complementar de crianças e jovens, e ainda podem acusar Israel de matar menores.⁵ Pelo mesmo motivo, nunca quiseram realmente resolver o problema dos 800.000 refugiados causado pela guerra de independência de 1948, apesar do fato de que, ao mesmo tempo, quase o mesmo número de judeus foi expulso de países árabes. É que não querem resolver o problema, para usá-los como peões na mesa de xadrez político. E as Nações Unidas lhes pagam para manter esse espaço, agora com quase 3,5 milhões de pessoas, com muitos possíveis guerreiros.

Palestinos são árabes, que ocuparam Jerusalém de 637 até 1917 — mesmo sob o domínio turco-otomano. Árabes e judeus, ambos os povos são descendentes de Abraão, Isaque e Ismael. Mas um descendente foi escolhido, o outro não (Gn 21.12). Essa eleição foi uma

⁴Joh. Gerloff, *Die Palästinenser. Volk im Brennpunkt der Geschichte* (2011, Hänssler).

⁵Itamar Marcus, “The Palestinian authority’s strategy against Israel”, em *Jerusalem Post*, em 3 de fevereiro de 2022.

predestinação para que um deles recebesse graciosamente a honra de ser como um elo na corrente da bênção salvadora, a saber, ser um dos progenitores do Salvador prometido, o Senhor Jesus, que vem de Israel.

Agora, infelizmente, ali no umbigo da terra (Ez 38.12), há uma briga entre parentes. Especialmente, desde 1900, é Ismael contra Isaque. Apesar da Declaração de Balfour, de 1917, a Inglaterra não se manteve leal durante seu mandato de 30 anos, impedindo os sobreviventes do Holocausto de entrar naquela faixa litorânea estreita.⁶ Era basicamente por causa do petróleo em que os árabes estão sentados. Ismael-não-eleito era de fato o primogênito, com direito a, pelo menos, uma dupla herança, e foi abençoado com muitíssimas terras no globo, com milhões de habitantes,⁷ e muitos votos em organizações das Nações Unidas. Ao contrário, a Israel-eleita é minúscula e apanha no galinheiro dos povos. Quem sabe podemos entender o suspiro daquele pobre sitiante judeu na Ucrânia russa no filme *Um violinista no telhado*: “Sei que somos seu povo escolhido, mas, ó Deus, o Senhor não poderia escolher outro?!”.

Para quem seria mais difícil acreditar que essa volta dos judeus é bíblica? De certo, para os palestinos cristãos, e não são poucos. E isto é quase impossível para eles, porque eles creem firmemente que a igreja é a substituição de Israel como povo da nova aliança. Pois é isso que aprenderam dos seus pais na fé. E crer no oposto faria deles inimigos políticos do próprio sonhado estado da “Palestina”. Por isso, às vezes, a perseguição vem de dois lados, como a família luterana Nassar experimentou, em 2022. Eles são proprietários de um sítio perto de Belém chamado Tent of Nations. Os judeus mal querem registrar o antigo direito de

⁶Leon Uris, *Exodus* (Rio de Janeiro: Record, 2018).

⁷O “mundo árabe” tem 640 vezes mais superfície que Israel e 50 vezes mais habitantes.

propriedade deles e os próprios compatriotas palestinos bateram tanto neles que acabaram no hospital. Por quê? Porque procuram amizade com Israel, como sua placa confessa: “Nos recusamos a ser inimigos”.

Perseguição contra Israel experimentam também os que a apoiam, como a organização “Cristãos para Israel”, cujo braço comercial vende produtos de Israel. A tensão chega até ao nível universitário. Seus inimigos usam inclusive meios legais para conseguir seu intento, como pesquisas quase obrigatórias sobre quem está ajudando Israel. Pode servir depois na preparação de contramedidas. Foi assim que Hitler ganhou as eleições em 1933 — por meios democráticos.

Ben-Gurion observou que o maior desafio seria resolver esse dilema perigoso. Infelizmente a tentativa de ajudar os palestinos com desenvolvimento econômico também está sendo boicotada. Até líderes cristãos viajam para outros países a fim de convencer igrejas irmãs a apoiarem o movimento BDS: *Boycot, Desinvestment, Sanctions* [Boicote, Desinvestimento, Sanções] contra Israel.⁸ E, assim, essas igrejas podem influenciar seus governos, por meio de políticos evangélicos simpáticos ao antissionismo.

Na Holanda, uma comissão do partido CDA (Apelo Democrático Cristão) publica regularmente um boletim bem documentado, informando sobre os erros recentes de Israel contra os palestinos. E isso é fácil, porque Israel é composto por pecadores. De fato, a seus inimigos não falta sagacidade para “judiar e prejudicar” (2 vezes “judi/judeu”) a Israel. E a imprensa, ávida por notícias, se alegra. Pois há um dito entre repórteres: *No jews, no news*. Sou filho da guerra, e entendo a resistência dos palestinos contra os invasores, porque alguns de nossos próprios parentes lutaram contra os nazistas, e meu pai ajudou judeus.

⁸Johanan Katanacho, *The land of Christ: a Palestinian cry* (Eugene: Pickwick, 2013).

Mas, ó, Senhor, se os palestinos (que tiveram o privilégio de morar na terra de Abraão por tantos séculos) pudessem reconhecer que *Israel* está voltando para a terra prometida a *Isaque*, também *Ismael* seria abençoado junto com a prole revivida de *Jacó*! E que os israelenses pudessem obedecer mais a ordem do Eterno de tratar os árabes palestinos em seu país como a si mesmos (Lv 19.33-34)! Pois, sem querer e de repente, desde 1967, estes se tornaram quase como “estrangeiros” na sua própria terra natal!

Este livro nos faz ouvir a voz de muitos irmãos, especialmente da época da pós-Reforma até hoje. Teólogos que apontam para o cumprimento de várias profecias, sem dar a impressão de que a Palavra de Deus seja como um roteiro fixo de uma viagem de ônibus. E todos ecoam o “vigiai”, pois o tempo está próximo, como o era nos dias de Noé. Por isso, oramos para que esta leitura possa ajudá-lo a conduzir seu vizinho para seu relógio e, em seguida, para a arca da salvação, a fim de que ele e sua família tenham tempo de se preparar para o Dia do Senhor (1Pe 3.20).

“O Espírito e a noiva dizem: vem”, Senhor Jesus! E o Senhor mesmo responde: “Certamente venho em breve” (Ap 22.17,20). Assim, ressoada a última trombeta, “o próprio Senhor descera do céu com grande brado [...]. Portanto, consolai-vos uns aos outros com essas palavras” (1Ts 4.16,18).

Paz seja com todos nós e sobre o Israel de Deus (Gl 6.16).
Maranata!

FRANS LEONARD SCHALKWIJK
Presbítero docente das Igrejas Reformadas dos Países Baixos
Itajubá-MG, fevereiro de 2022 AD

INTRODUÇÃO



Razões e delimitação

Este livro nasceu de minha busca para entender algumas questões relacionadas entre si, mesmo que não pretenda dar a elas uma resposta exaustiva: O que os cristãos reformados — que amavam a língua hebraica, os judeus e a terra de Israel — acreditavam, entre os séculos 16 e 19, sobre a grande conversão dos judeus ao Messias, antes de sua segunda vinda? O que os cristãos reformados pensavam sobre o retorno dos judeus para a sua terra ancestral nesse mesmo período? Os cristãos reformados teriam visto este retorno como o cumprimento de profecias bíblicas?

Essas perguntas me serviram de ponto de partida para uma pesquisa que, com o passar do tempo, ampliou o escopo e o alcance das questões.

O livro, então, foi preparado como um apelo para que os cristãos reconsiderem essas questões. A tradição reformada acabou se voltando mais e mais para o mundo gentílico a ponto de, a partir do século 20, abandonar a sua tradição de buscar os perdidos de Israel. Parece-me que este é um momento propício para redescobrimos, no contexto doutrinário da teologia reformada, oportunidades para encorajar cristãos das mais diversas tradições a servirem aos judeus.

Em outras palavras, a fé reformada tem perspectivas que podem contribuir para uma reavaliação da relação dos cristãos com

os judeus. Por exemplo, temas como a unidade da Escritura, a ênfase em uma única aliança graciosa e em um único povo de Deus, a harmonia da Lei e do Evangelho, e, por fim, a visão escatológica do futuro de Israel, oferecem perspectivas que podem estimular a relação de serviço entre cristãos e judeus.

Cada tradição cristã deve examinar as bases de sua fé e interagir com outras perspectivas teológicas a fim de encontrar formas legítimas e eficazes para levar o evangelho do único Messias aos judeus que ainda não o encontraram, bem como reavaliar nossa percepção da relação com o povo judeu, de sua terra ancestral e do Estado de Israel. Para ajudar nessa tarefa, esse livro incluiu as percepções das tradições luterana, católica romana e judaico-messianica.

Assim, no primeiro capítulo, será traçado um panorama do antisemitismo nos círculos cristãos, tanto católicos quanto protestantes. Nos três capítulos seguintes demonstro como os reformados, luteranos e católicos expuseram ou reavaliaram suas teologias à luz do testemunho das Escrituras sobre o papel de Israel nos planos de Deus. No cerne deste livro, serão abordados temas teológicos vitais, como a eleição soberana e graciosa, as alianças da graça, a Lei e o *Shabat*, o *eretx Israel* e o desafio imposto pelo Holocausto à reflexão judaica e cristã. Por fim, na última parte, indicarei uma série de temas comuns aos cristãos e judeus, diante do dever da memória.

Uma palavra sobre as fontes citadas nessa obra. Fiz a opção de deixar a mais ampla gama de autores falarem livremente. Nesse sentido, citei na íntegra trechos de sermões e obras teológicas, e documentos confessionais são publicados completos no corpo do texto. Assim, o leitor pode ler essa obra como meu testemunho, mas também como um esforço de minha parte para que muitos autores, de outros tempos e nações, também testemunhem do Deus de Israel e do Israel de Deus.

Um pouco de história de Israel

Após os romanos terem esmagado a revolta de Simão bar Kochba, em 136 d.C., os judeus foram proibidos de pisar em Jerusalém e na Judeia. Apesar de alguns judeus terem sido autorizados a voltar para sua terra nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Judaica (132-136 d.C.), não houve imigração judaica significativa até o início de 1800. Entretanto, a partir desta data, os judeus começaram a chegar na região que na época estava sob disputa entre egípcios e turcos e com os números da população aumentando dramaticamente no decorrer das décadas.¹ Tendo vencido os turcos otomanos após o fim da Primeira Guerra Mundial, a região ficou sob controle britânico.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o brasileiro Oswaldo Aranha presidiu, em 1947, a sessão especial da Assembleia-Geral das Nações Unidas, e apoiou a partição da Palestina britânica, acontecimento que levou à criação do Estado de Israel, no ano seguinte.² A resolução também previa um Estado árabe, então inexistente. Oswaldo Aranha é considerado fundamental para a decisão das Nações Unidas,

¹Por exemplo, em 1844, a população de Jerusalém tinha 15.510 residentes, e 7.120 eram judeus. Em 1876, a população era de 25.030, sendo 12.000 judeus. Em 1931, havia 51.222 judeus, num total de 90.451 moradores. Em 2016, havia 536.600 judeus vivendo em Jerusalém, num total de 882.700 residentes. Em 1800, havia 7.000 judeus vivendo na Palestina, num total de 275.000 habitantes. Estes números cresceram para 83.794 judeus e 757.182 habitantes, em 1922; e 630.000 e 1.970.000, em 1947, durante o Mandato Britânico. Em 1967, viviam em Israel 2.383.600 judeus, num total de 2.776.300 habitantes; em 2022, 7.020.000 judeus, 2.000.000 de árabes muçulmanos e cristãos e 478.000 cristãos habitam em Israel. Cf. “Demographics of Israel: population of Jerusalem” e “Population of Israel/Palestine by religion”, em *Jewish Virtual Library*: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/population-of-israel-palestine-1553-present> e <https://www.jewishvirtuallibrary.org/population-of-jerusalem-1844-2009>.

²Neste livro, a terra de Israel será nomeada como era conhecida na época em estudo. No capítulo 5, a partir da p. 351, abordarei como a terra foi chamada no passado e como a terra deve ser nomeada, sobretudo quando fizer referência aos estudos bíblicos relacionados ao Antigo e Novo Testamentos.

sobretudo, por ter buscado votos a favor de Israel. No fim, dez países, incluindo o Reino Unido, abstiveram-se. Treze, incluindo todos os países árabes, opuseram-se. Trinta e três, incluindo os Estados Unidos e a União Soviética, votaram a favor da fundação do Estado de Israel. Mas os britânicos não cumpriram com a determinação e os países árabes se opuseram à repartição do território, deixando tudo como estava. Este é o contexto que levou os judeus a declararem sua independência em 14 de maio de 1948.

Os parágrafos introdutórios da Declaração da Independência do Estado de Israel, promulgada nessa data, no salão do antigo Museu Nacional de Tel Aviv, são comoventes:

A terra de Israel é o local de origem do povo judeu. Aqui a sua identidade espiritual, política e religiosa foi moldada. Aqui eles primeiro atingiram a formação de um estado, criaram valores culturais de significância nacional e universal e deram ao mundo o eterno Livro dos Livros. Depois de serem forçosamente exilados de sua terra, o povo conservou consigo sua fé durante sua Dispersão e nunca deixou de orar e sonhar com o retorno para sua terra e com a restauração, lá, de sua liberdade política.

Impelidos por sua ligação histórica e de tradições, judeus lutaram geração após geração para se restabelecerem em sua antiga terra natal. Nas décadas recentes, eles voltaram em massa. Pioneiros, desafiadores refugiados e defensores, eles fizeram desertos florescerem, reavivaram a língua hebraica, construíram vilarejos e pequenas cidades, criaram uma próspera comunidade que controla a sua própria economia e cultura, amando a paz, mas sabendo como se defender, trazendo as bênçãos de progresso para todos os habitantes do país e aspirando a um estado independente.

Como indicado por Abraham Joshua Heschel, existem quatro pilares sobre os quais o judaísmo se sustenta: Deus, a Torá, o povo

de Israel e a terra de Israel, cada um dependendo do outro. Assim, o judaísmo envolve uma mistura misteriosa de fé (Deus e Torá) e povo ligados a uma pátria (a terra de Israel), com um senso de destino concomitante.³ Estas ênfases, em maior ou menor grau, guiaram a fundação do Estado de Israel e estão consagradas em sua Declaração de Independência.

O presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, reconheceu a soberania do Estado de Israel. Truman, um batista devoto que se tornou um sionista por sua própria leitura da Bíblia, desafiou o Departamento de Estado e quase todos os seus conselheiros quando apoiou a resolução das Nações Unidas para reconhecer o Estado de Israel e quando declarou o reconhecimento por parte dos Estados Unidos do novo estado. Curiosamente, quando foi apresentado no Seminário Teológico Judaico, em 1953, como “o homem que ajudou a criar o estado de Israel”, Truman protestou: “O que você quer dizer com ‘ajudou a criar’?! Eu sou Ciro! Eu sou Ciro!”. Truman se percebia como o Ciro dos dias modernos, o novo restaurador de Israel.⁴

Winston Churchill, que foi o primeiro-ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial, escreveu em meados de 1953:

Desde a Declaração de Balfour, em 1917, tenho sido um fiel defensor da causa sionista. [...] Como potência detentora de

³Abraham Joshua Heschel, “The nation and the individual”, *Conservative Judaism* 15 (Spring, 1961): 26.

⁴Cf. Gerald R. McDermott, “A history of Christian Zionism: is Christian Zionism rooted primarily in premillennial dispensationalism?”, em: Gerald R. McDermott, org., *The new Christian Zionism: fresh perspectives on Israel and the land* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2016), p. 70. Truman, que nunca foi pré-milenista, estava se comparando ao rei persa Ciro, registrado em 2Crônicas 36, Isaías 44 e 45, Esdras 1, 3—6 e Daniel 1, 6 e 10, que derrotou os babilônios em 539 a.C., e permitiu que os judeus retornassem à sua terra, após seus setenta anos de cativeiro. O profeta Isaías se refere a Ciro como um agente divinamente designado para a libertação de Israel.